



---

---

**TEOLOGIA, DIÁLOGO ECUMÊNICO  
E DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO**

---

---





## COMO O CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS ESTÁ ACABANDO COM O ECUMENISMO<sup>1</sup>

*How the World Council of Churches is ending with ecumenism*

**Rolf Hille<sup>2</sup>**

### RESUMO

O presente artigo apresenta um breve histórico do surgimento do Conselho Mundial de

---

<sup>1</sup> Artigo recebido do autor em 11 de outubro de 2013 e aprovado pelo Conselho Editorial, em reunião realizada em 18 de junho de 2014, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*. O texto deste artigo foi traduzido com autorização do autor pelo Prof. Dr. Claus Schwambach, Editor Geral de *Vox Scripturae* (claus.schwambach@flt.edu.br). *Nota do Tradutor sobre o contexto de surgimento do texto*: O teólogo Rolf Hille compreende seu artigo como um comentário crítico de um documento preparatório do CMI para sua 10ª Assembleia Geral, ocorrida entre 31/10 e 9/11/2013 em Busan, (Coreia do Sul) – cf. <http://wcc2013.info/en/resources/documents>. Esse comentário foi escrito inicialmente em órgãos de publicidade alemães, em outubro de 2013 (p. ex. *Idea Spektrum* <<http://www.idea.de/detail/thema-des-tages/artikel/was-heisst-hier-eigentlich-mission-913.html>>. Acesso em: 28 out. 2013; cf. também HILLE, Rolf. *Wie der Ökumenische Rat der Kirchen die Ökumene abschafft*. Kommentar in *Idea Spektrum*, Outubro 2013), é aqui traduzido para o público brasileiro. O documento é relevante por atestar a preocupação da Aliança Evangélica Mundial com os rumos atuais do CMI, bem como apontar, de forma breve e sintética, para pontos concretos em que a Aliança Evangélica Mundial possui seus questionamentos em relação ao CMI no contexto das discussões internacionais atuais. Sobre a Aliança Evangélica Mundial pode-se obter outras informações em <http://www.worldangelicals.org>. Trata-se, ao lado do CMI – Conselho Mundial de Igrejas – do outro grande organismo internacional de articulação ecumênica, de perfil teológico mais evangelical, criado em 1846.

<sup>2</sup> Rolf Hille (Dr.) é Pastor da Igreja Evangélica da Alemanha, teólogo evangelical e, atualmente, o *Diretor para Assuntos Ecumênicos da Aliança Evangélica Mundial – World Evangelical Alliance*. E-Mail: [hille.rolf@t-online.de](mailto:hille.rolf@t-online.de); Blog: [drhille.blogspot.com](http://drhille.blogspot.com).

Igrejas – CMI, e, acima de tudo, concentra-se em apresentar algumas de suas tendências contemporâneas, com base no texto preparatório para a 10ª Assembleia Geral, realizada em 2013 em Busan, Coreia do Sul, denominado: *Together Towards Life: Mission and Evangelism in Changing Landscapes* – “Juntos em direção à vida: Missão e Evangelização em cenários em mudança”. O autor, Diretor de Assuntos Ecumênicos da Aliança Evangélica Mundial, apresenta uma série de questionamentos ao texto do CMI. Critica, em especial, a compreensão unilateral de missão a partir do primeiro artigo da criação, bem como a supressão do anúncio de Jesus Cristo como aquele que salva do pecado. Critica, ainda, o reductionismo na compreensão do mal, à medida que é associado unilateralmente às estruturas políticas e econômicas neoliberais de mercado. Ao final, o autor enfatiza que as novas tendências do CMI representam um abandono da base ecumênica comum e um retrocesso no diálogo ecumênico.

**Palavras-chave:** Conselho Mundial de Igrejas; ecumenismo; Aliança Evangélica Mundial; missão e evangelização.

### ABSTRACT

*The present article presents a brief history of the emergence of the World Council of Churches – WCC, and, above all, it concentrates in presenting some of its contemporary tendencies, based on the preparatory text for the 10<sup>th</sup> General Assembly, held in 2013 and Busan, South Korea, entitled: Together Towards Life: Mission and Evangelism in Changing Landscapes. The author, Director of Ecumenical Affairs of the World Evangelical Alliance, presents a series of questions on the WCC text. It criticizes, specially, the unilateral comprehension of mission from the first article, of creation, as well as the suppression of the announcement of Jesus Christ as the one who saves from sin. It criticizes, still, the reductionism in the comprehension of evil, while it is unilaterally associated to the neoliberal political and economic structures of the market. At the end, the author emphasizes that the new tendencies of the WCC represent an abandonment of the common ecumenical fundament and represent a regression in the ecumenical dialogue.*

**Keywords:** World Council of Churches; ecumenism; World Evangelical Alliance; mission and evangelization.

Há muitas expectativas para a reunião do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), quando as 349 igrejas-membro se reunirem para sua 10ª Assembleia Geral, de 31 de outubro a 9 de novembro de 2013, em Busan, Coreia do Sul. Em 2010 recordou-se, em Edimburgo na Escócia, sobre suas origens comuns, há mais de 100 anos. Naquela ocasião, os dirigentes das igrejas se reuniram para uma primeira Conferência Mundial sobre Missão, com o objetivo de deliberar sobre o que é possível fazer em prol da unidade da cristandade, dividida em muitas confissões, pois as disputas entre os cristãos não possuíam nenhum impacto positivo para a credibilidade do evangelho na África e na Ásia. E assim começou a se desenrolar o ecumenismo em tempos modernos, que levou finalmente à fundação, em 1948, do Conselho Mundial de Igrejas (CMI).

Desde então, muitas coisas aconteceram. Cristãos de todas as famílias confessionais (ou: denominacionais) foram ao encontro uns dos outros e descobriram que as coisas que possuem em comum são muito maiores do que as questões que os dividem. Ao mesmo tempo, surgiram também outras tensões e abismos. Isso se deve ao fato de que, dos anos 1960 aos anos 1980, o Conselho Mundial de Igrejas se distanciou das bases que eram comuns, assumindo uma posição liberal e político-ideológica em sua teologia da missão. Foi deliberado que houvesse uma moratória, isto é, uma interrupção no envio de missionários brancos. Movimentos de libertação militantes, no sul da África, foram financiados com recursos das igrejas cristãs. Anunciou-se o diálogo inter-religioso em lugar da pregação missionária. Em decorrência, os evangélicos mais orientados para uma confessionalidade conservadora se distanciaram do CMI.

Em 1974, chegou um momento oportuno: o evangelista americano Billy Graham convidou 2.700 missionários a Lausanne, na Suíça, para o 1º Congresso de Evangelização Mundial. Em seu discurso de abertura, Graham não escondeu suas críticas ao CMI. A partir desse Congresso, os evangélicos apareceram, pela primeira vez, como um importante movimento internacional no cristianismo evangélico, ao lado do Conselho Mundial de Genebra.

Na virada do século (XX/XXI), diminuiu o reconhecimento público do Conselho Mundial de Igrejas e sua influência sobre o cristianismo. A isso se acresceu que a Igreja Católica Romana conquistou atenção e ganhou prestígio por meio de uma série de representantes excepcionais da Cátedra de Pedro.

Isso levou alguns responsáveis do CMI em Genebra à conclusão de que deveria haver um esforço para encontrar novos caminhos da aproximação entre os assim chamados ecumênicos e os evangélicos. O então Secretário Geral do CMI, Konrad Raiser, sugeriu a criação do “Fórum Cristão Global”. Nesse fórum, cristãos de todas as confissões (denominações), independentemente se eram ou não membros do CMI, deveriam poder se encontrar como iguais. Konrad Raiser se deu conta de que, na África, na Ásia e na América Latina, em especial, as igrejas evangélicas e os movimentos pentecostais estavam crescendo de modo muito intenso, e que a maioria dos cristãos havia se deslocado, há muito tempo, dos países clássicos do “ocidente” e da América do Norte em direção ao hemisfério sul. Medidas voltadas para restabelecer a confiança entre o CMI e a Aliança Evangélica Mundial, ou seja, os evangélicos, fazem parte, desde então, da ordem do dia. Não causa espanto, por isso, que muitos aguardam, com expectativa, pela

Assembleia Geral em Busan.

Entrementes, o Comitê Central do CMI publicou uma minuta preparatória<sup>3</sup> importante para o encontro na Coreia do Sul, com o título significativo: “Juntos em prol da vida: Missão e Evangelização em contextos em transformação. Uma nova Declaração do CMI sobre a Missão e a Evangelização”. Esse texto deverá ser objeto de deliberações na Assembleia Geral. Esse documento ou essa minuta revela-se, se vista mais de perto, como uma ducha de água fria para a plantinha ainda delicada da unidade ecumênica-evangelical. Pelo menos, constata-se que, ao mencionar as palavras-chave, missão e evangelização, os motivos de preocupação centrais da evangelização são tematizados. A orientação e a argumentação desse estudo, sob o ponto de vista linguístico, não foi mais formulado de forma tão provocante, como foi o caso de alguns documentos de décadas atrás. No entanto, ainda assim, esse documento, quanto ao seu conteúdo, abre novamente as antigas trincheiras.

Primeiramente, chama a atenção, na leitura desse documento, que a evangelização é fundamentada totalmente a partir do primeiro artigo da fé cristã, isto é, a partir da criação. O bom Deus da vida e o Espírito da vida convidam para uma “missão que dá vida”, que é inclusiva a toda a humanidade e, na verdade, à natureza e ao cosmo em sua totalidade. Faz-se necessário vencer as forças destruidoras no mundo por intermédio de uma “espiritualidade transformadora”, a fim de modificar o cosmo inteiro e celebrar a vida. O inimigo maligno, contra o qual se luta, é definido, nesse documento, de maneira constante, como sendo a “ideologia de mercado”, ou seja, o capitalismo internacional, que resulta em injustiça econômica e leva à catástrofe ecológica. E é a esse inimigo que a missão deve combater de modo decidido, sendo que ela deve cooperar, no espírito do diálogo inter-religioso, “com pessoas de outras religiões e culturas na construção de sociedades do amor, da paz e da justiça”.

Acontece que os evangélicos também criticam o capitalismo selvagem e depredador, que padecemos desde a crise bancária internacional de 2008, e também eles denunciam a destruição do meio ambiente e o desperdício de recursos naturais. Há, de fato, pecados que estão profundamente arraigados em estruturas sociais. E que o Criador é um Deus bondoso, que promove e preserva a vida, isso

---

<sup>3</sup> N.T.: O texto do CMI a que se refere o autor encontra-se em: <<http://wcc2013.info/en/resources/documents>>. Acesso em: 15 abr. 2014 – “Together Towards Life: Mission and Evangelism in Changing Landscapes”.

também é uma percepção bíblica. Entretanto, será que tudo isso já consiste em missão e evangelização?

Certamente não, pois a confissão da fé cristã (O Credo) possui, conforme o sabemos, três artigos. E o segundo artigo coloca Jesus Cristo e sua obra salvífica no centro. Por quê? Porque a criação já não é mais esse mundo intacto e paradisíaco, tal qual ele foi formado das mãos de seu Criador. A rebelião do pecador separa entre Deus e ser humano. O Deus da vida, que é mencionado continuamente no texto do CMI, decretou a morte do pecador. Ele permite doença, dor, miséria, pobreza e adversidade. O documento do CMI realmente não explora, em lugar algum, quão grande é o peso do pecado.

Por isso, no documento, também não se contempla Jesus Cristo como o Salvador do mundo. Na teologia de evangelização, apresentada pelo CMI, não se precisa de um salvador do pecado. Segundo essa teologia, Jesus não teve que morrer na cruz para obter o perdão do pecado. Em razão disso, também não há qualquer chamado à fé que justifica. O que se encontra é a exigência à conversão (arrepentimento) e ao discipulado da cruz, que leva a seguir o exemplo de Jesus. Trata-se de uma imitação de Jesus, que enfatiza a sua elevada qualidade moral, mas não a justificação somente mediante fé e somente pela graça.

O monge Martinho Lutero, se tivesse que ter se orientado no documento do CMI, poderia ter dado tranquilamente tapinhas em suas próprias costas. Em seu Mosteiro Agostiniano Eremita, na localidade de Erfurt, ele vivia livre de toda avareza e de toda a economia de mercado capitalista. Por que Lutero buscou um Deus misericordioso e por que temia o juízo final, permanece, à luz desse documento, totalmente incompreensível.

Conforme o ponto de vista do CMI, o mal deve ser procurado, quase que, exclusivamente, nas estruturas opressoras e nos sistemas depredadores: estigmatiza-se o capitalismo, o racismo, o sistema de castas e o colonialismo. Fica evidente, nesse catálogo de pecados, que o comunismo não é mencionado, como se nunca tivesse havido um Estalinismo ou um Maoísmo, como se até o dia de hoje, às portas de Busan, a saber, na Coreia do Norte, nunca se tivesse colocado cristãos em campos de concentração e assassinado milhares deles.

O documento preparado pelo CMI, a respeito da missão, não é apenas deficitário, mas ele representa uma catástrofe, pois a essência da evangelização, a mensagem do juízo e da graça de Deus é ofuscada. Uma pequena nota do texto deixa claro o quanto o CMI abandona a comunhão ecumênica e fecha as suas

portas, até mesmo antes de sua Assembleia Geral. Lá consta numa nota de rodapé de número 21: “É importante mencionar que nem todas as igrejas compreendem evangelização do modo como esta é aqui descrita. A Igreja Católica Romana se refere à ‘evangelização’ como *missio ad gentes* [‘envio aos povos’], dirigida para aqueles que não conhecem a Cristo. Em um sentido mais amplo... [se refere também à] ‘nova evangelização’ para descrever a preocupação com aqueles que não mais praticam a fé cristã”. E isso também diz respeito aos evangélicos, bem como aos ortodoxos e a incontáveis igrejas em todo o mundo.

O que o CMI está fazendo? Ele está abandonando o consenso do cristianismo, ao levantar novos muros de separação entre a teologia e a práxis. Um Conselho Ecumênico [CMI] que divide, em vez de unir, está no melhor caminho de acabar consigo mesmo.